



PERSPECTIVAS ACERCA DA DIVERSIDADE SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL EM ARACAJU/SE¹

Laís Costa Souza Oliveira²
André Filipe dos Santos Leite³
Claudiene Santos⁴

Resumo: Este trabalho teve como objetivo compreender as percepções dos/as licenciandos de cinco cursos da Universidade Federal de Sergipe, acerca dos temas sexualidade, sexo, gênero, diversidade sexual e homofobia. Foram analisados 151 questionários que apontaram a existência de lacunas na formação inicial dos/as estudantes. Esta formação deficitária implica no não (re)conhecimento de práticas de homofobia, assim como, aponta pra necessidade de preparo desses/as futuros/as profissionais para lidar com as temáticas em questão, bem como a necessidade de inclusão desses temas nos currículos de licenciaturas.

Palavras-chave: Educação, Formação profissional, Sexualidade, Gênero.

INTRODUÇÃO

A escola é um espaço no qual as diferenças são fabricadas, os corpos são escolarizados, as normas e hierarquias são instituídas, a sexualidade é velada (LOURO, 1997). Os/as docentes atuantes ou em processo de formação (re) produzem essa lógica, frequentemente, sem questioná-la.

As históricas lacunas na formação docente, inicial ou continuada, no que diz respeito a essas temáticas apontam para a necessidade de intervenção nos cursos de

¹ Este trabalho é um desdobramento da Pesquisa Educação Sexual, Gênero e Diversidade: uma proposta integradora, por intermédio do subprojeto “Caracterização da violência homofóbica em Sergipe: interface entre Saúde e Educação” financiado pelo PIBIC-CNPq.

² Acadêmica do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Sergipe. lis_cso@hotmail.com

³ Acadêmico do curso de Medicina da Universidade Federal de Sergipe. andrefilipeleite23@hotmail.com

⁴ Professora adjunta do Departamento de Biologia da Universidade Federal de Sergipe, Líder do Grupo de Pesquisa Gênero, Sexualidade e Estudos Culturais/GESEC/UFS/CNPq. claudienesan@gmail.com

graduação a fim de sensibilizar futuros/as educadores/as para a atuação engajada e crítica.

Este trabalho apresenta a análise das concepções de licenciandos/as de cinco cursos da Universidade Federal de Sergipe sobre Diversidade Sexual, Sexualidade e Gênero e sua formação inicial.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, ancora-se na perspectiva fenomenológica da pesquisa. Segundo Holanda (2007), a vantagem do dado qualitativo está na compreensão sem uma predeterminação inicial, pois, desta forma, o/a pesquisador/a se mantém mais próximo/a do fenômeno, estabelecendo uma relação direta entre o/a pesquisador/a e a observação.

A coleta de informações foi realizada, utilizando-se como instrumento um questionário composto por 19 questões abertas, distribuídas em quatro eixos: a) Questões referentes aos dados pessoais: sexo, idade, identidade sexual, religião e experiência como docentes; b) Questões que buscam avaliar as concepções dos/as respondentes acerca de termos como: sexualidade, sexo, gênero, educação sexual e homofobia; c) questões referentes às vivências de preconceito e homofobia; d) Formação acadêmica para lidar com questões de sexo, sexualidade e/ou gênero e interesse na busca por informações e participação em atividades/eventos que tratassem destes assuntos.

Foram obtidos 151 questionários, todos com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os questionários foram submetidos aos quatro momentos propostos por Giorgi (1985 apud BRUNS; HOLANDA, 2001): 1) transcrição das respostas dos colaboradores (no Microsoft Excel 2010); 2) elaboração das unidades de significados, extraídas após as releituras das respostas; 3) Agrupamento das unidades de significados em temas ou categorias e, 4) Síntese e integração dos *insights* contidos em todas as unidades de significados, atentando-se para convergências ou divergências dos significados.

Para a identificação dos/as respondentes, para fins de análise, cada licenciando/a foi identificado/a como “S” de “sujeito”, seguido do número do questionário. Por exemplo, o/a licenciando/a que respondeu o questionário 1, foi identificado como S1.

Após esta etapa, as respostas foram submetidas à interpretação na perspectiva compreensiva fenomenológica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das respostas dos/as licenciandos/as desvelou que dos/as 151 respondentes, 65% eram do sexo feminino, com idade de 21 anos, em média. Quanto à identidade sexual, 88% se declararam heterossexuais, 3% homossexuais, 6% bissexuais e os/as demais não informaram. Quanto à religião, 60% declaram-se católicos, seguido de evangélicos/as (12%), agnósticos/as (12%), espíritas (5%) e ateus/eias (4%). Quanto à experiência como docentes, 85% afirmaram não ter nenhum tipo de experiência.

Durante a aplicação dos questionários, era bastante comum perceber brincadeiras, chacotas e comentários constrangedores à medida que as questões eram respondidas. No entanto, em todas as turmas, os questionários foram completamente preenchidos.

As respostas foram agrupadas nas seguintes categorias: Sexualidade, Sexo e Gênero; Preconceito e Homofobia; Educação Sexual; e Formação Inicial.

Sexualidade, Sexo e Gênero

A sexualidade compreende as primeiras experiências e relações no mundo, com o próprio corpo, a percepção do outro, os desejos infantis, as expectativas, os conflitos, o prazer e o desprazer (LOURO, 1997). Como a sexualidade pode ser definida como um conjunto de fenômenos que permeia todos os aspectos de nossa existência, ela não pode ser vista exclusivamente como um fenômeno biológico, mas sim como um fenômeno biopsicossocial, que só pode ser compreendido de acordo com o conhecimento acerca da cultura em que se vive (TAQUETTE, 2008). A sexualidade, dentro de uma perspectiva histórica, não está a serviço, apenas, da reprodução biológica, uma vez que os valores, padrões e modelos de comportamento estão ligados a um contexto socioeconômico e cultural que necessitam ser analisados criticamente (LOURO, 1997).

Quando avaliadas sob esta perspectiva, as respostas dos/as licenciandos/as, em geral, fogem a estas definições. Na maioria dos relatos, a sexualidade é definida apenas pela perspectiva biologicista, enfatizando-se o desejo e a reprodução biológica. Esquece-se, desta forma, dos fatores culturais, religiosos e socioeconômicos que a

permeiam. Nos relatos, aparece a visão da sexualidade como ciência, capaz, por exemplo, de estudar as diferenças e relações entre os diferentes sexos (S. 30; S. 36).

“Tema, assunto ou matéria que aborda através de questionários ou debates a opção sexual, DST” (S. 36).

Pode-se perceber que os/as licenciandos/as registram como sinônimos os termos sexualidade, orientação afetivo-sexual e identidade sexual. Estes dois últimos são também genericamente traduzidos como gosto, preferência ou opção sexual (S. 21; S. 24; S. 424). Desta forma, mais uma vez, a sexualidade é entendida como um fator pessoal, um desejo, uma vontade. Segundo Louro (1997), a identidade sexual baseia-se na forma como o indivíduo vive a sua sexualidade, seja ela com parceiros do mesmo sexo, sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros. Já a orientação afetivo- sexual é entendida a partir dos sentimentos existentes dentro de cada indivíduo, com relação a outras pessoas: desejo, prazer e fantasias sexuais, sonhos eróticos, amor, paixão, e é constituinte da identidade sexual (COSTA, 2005). O termo orientação sexual é comumente utilizado para definir o parceiro (mesmo sexo, sexo oposto ou ambos) com o qual o indivíduo vive sua sexualidade, contudo, Costa (2005) acrescenta o termo afetivo, para deixar claro que não se trata, apenas, de um relacionamento sexual.

“Orientação sexual do indivíduo” (S. 21).

“Opção sexual” (S. 24).

“É a opção sexual do indivíduo, não importando qual a escolha” (S. 424).

Os termos sexo e gênero são comumente tratados como sinônimos na maior parte das respostas. A noção de gênero pode ser entendida como uma relação estabelecida a partir da percepção social e/ou cultural das diferenças biológicas entre os sexos (ANJOS, 2000) e que pode ser fonte de desigualdades e hierarquias (LOURO, 1997, SCOTT, 1990) decorrentes da construção social estabelecida sobre esta percepção e da heteronormatividade.

Desta forma, nota-se que os/as estudantes possuem uma visão reducionista do conceito de sexualidade, implicando, inclusive, no não entendimento de termos relacionados, como o sexo, gênero, identidade e/ou orientação afetivo-sexual.

É possível perceber que os/as licenciandos/as que conseguem realizar uma definição mais precisa do que é sexualidade, sexo e gênero, também são aqueles/as que referem interesse por assuntos pertinentes à temática, incluindo, desta forma, os conhecimentos obtidos em outros meios, como: jornais, revistas e artigos científicos.

Observa-se, então, que o (des)conhecimento pode ser fruto de (des)interesse e/ou afinidade pela temática e ausência ou insuficiência de (in)formação.

Partindo dos conceitos oferecidos pela literatura e observando as respostas dos/as licenciandos/as, é importante ressaltar que a maioria deles/as definiu o sexo unicamente como uma forma de obter prazer ou atividade necessária para a perpetuação da espécie ou reprodução humana. É possível observar que os/as que restringem o sexo a um meio de reprodução e perpetuação da espécie são, em geral, aqueles que declaram seguir os preceitos católicos e evangélicos (S. 19; S. 23; S. 334; S. 443), o que reflete a herança judaico – cristã. Os líderes religiosos, de uma forma geral, desempenham um papel de suma importância no que tange aos sentidos das representações sociais e o seu papel na constituição do comportamento humano (BRITO, 2011). Segundo o autor, tais representações tomadas sempre como a mais legítima expressão da verdade, vão sendo infiltradas no inconsciente humano em forma de ensinamentos doutrinários. Desta forma, essas representações, primeiro são assimiladas e acomodadas cognitivamente, depois são transmitidas culturalmente através das relações que se dão entre as pessoas (BRITO, 2011). As falas a seguir ilustram essa perspectiva.

“Encontro entre dois corpos podendo ou não haver vínculo emocional e desenvolvendo prazer para ambos” (S. 19). (Católico)

“Muito mais do que a união de dois corpos para prazer. É um ato de carinho necessário a todo casal com consequência de reprodução” (S. 23). (Católico)

“É um ato de reprodução” (S. 334). (Evangélico)

“Sexo é entre pessoas ou animais que fazem amor. Porém sexo, particularmente, é algo íntimo, algo que é para ser feito com amor e não por necessidade” (S. 443). (Católico)

Essa forma de percepção do sexo exclui quaisquer possibilidades não procriativas, como os casais homossexuais, casais inférteis, dentre outras, reiterando e legitimando mais uma vez a norma hegemônica e velando uma discussão mais ampla acerca das múltiplas formas de expressão da sexualidade e dos gêneros.

Preconceito e Homofobia

A etiologia da palavra homofobia surge da união de dois radicais gregos: homo (semelhante) e fobia (medo), definindo sentimentos negativos em relação a homossexuais e às homossexualidades, ou seja, a homofobia seria “a atitude de hostilidade contra os homossexuais” (BORRILLO, 2010, p. 13), homens ou mulheres.

A partir do momento que há uma maior visibilidade com relação às questões dos movimentos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgêneros/LGBT, torna-se também visível os embates entre a antiga minoria e o conservadorismo. Tais embates resultam e se alternam em recrudescimento e aceitação, seja através de campanhas de retomada dos valores familiares, ou aceitação das novas configurações familiares; até agressões e violência física, ou sua denúncia (LOURO, 1997). Desta forma, a “homofobia” deixa de ser apenas “temor aos homossexuais” e passa a ser sinônimo de aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo a tudo que se relaciona aos homossexuais e à homossexualidade (JUNQUEIRA, 2009).

“Se a homossexualidade desperta, ainda, um número tão grande de reações de hostilidade é porque ela é percebida como uma etapa suplementar do processo de decadência psicológica e moral em que estariam soçobrando as sociedades contemporâneas” (BORRILLO, 2010, p. 94). Percebe-se, então, que as reações hostis, de segregação e violência, que afetam a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros- LGBT, configuram a homofobia como um grave problema social (JUNQUEIRA, 2007).

Segundo pesquisa realizada pelo GGB (Grupo Gay da Bahia), o Brasil é o país com maior número de registros de crimes homofóbicos no mundo, onde um homossexual é morto a cada 36 horas no país (JINKINGS, 2011). Dentre os crimes homofóbicos destacam-se a violência física, sexual, psicológica e institucional (GIRALDI, 2012). O autor aponta que foram registradas, em 2011, 1.259 denúncias anônimas de casos de preconceito contra homossexuais, pela Secretaria de Direitos Humanos de São Paulo.

Os dados apresentados pelo autor, revelam um número crescente de casos de homofobia, o que corrobora os índices de relatos de vivência de situações de preconceito citados pelos/as licenciandos/as (35%). Este percentual permite afirmar que há um certo (re)conhecimento das violações de direitos humanos perpetradas contra LGBT. No entanto, o elevado número de pessoas que relatam nunca ter presenciado ou ter tomado conhecimento de situações de preconceito e /ou segregações e/ou agressões (verbais, psicológicas e/ou físicas) sugere um não (re)conhecimento das diversas formas de violência, que, dessa forma, ficam naturalizadas, invisibilizadas e/ou minimizadas (S. 381; S. 454). Os relatos a seguir, mostram as brincadeiras, chistes, xingamentos que demarcam um não-lugar, ou lugar da abjeção, como afirma Louro (1997) e, dessa forma, também educam.

“Amigos meus já destratarem, de maneira descontraída, um outro amigo homossexual. Foi de cunho descontraído, de brincadeira, não levado à sério pelo garoto homossexual (S. 381).”

“Não há muito o que relatar, visto que foi apenas uma troca de palavras e xingamentos” (S. 454).

Em meio à gama de informações que chegam até esses/as jovens, é possível ainda encontrar citações que desvelam desconhecimento acerca do tema, ou ainda, opiniões decorrentes da maneira como se processa a (in)formação(S. 23; S. 312; S. 377).

“Termo dado às pessoas que se sentem incomodadas com aquelas que não se comportam como deveriam (a mulher que deixa de ser e o homem também que se transforma)” (S. 23).

“Preconceito com esses tipos de pessoas que praticam sexos diferentes” (S. 312).

“Heterossexuais (homens) que tem preconceito com homossexuais” (S. 377).

Os relatos a seguir, mostram a existência de situações de preconceito vivenciadas ou presenciadas pelos/as estudantes. (378; S. 385; S. 390).

“Um conhecido meu, ao relatar que determinada pessoa era portador de HIV, afirmou que esta era uma consequência da sua orientação sexual. ‘Ele tem HIV...também, ele é gay...’” (S. 378).

“Uma vez na Universidade um colega de turma não quis participar de um seminário por ter um homossexual no grupo” (S. 385).

“Eu e uma colega estávamos estagiando numa unidade de saúde, e minha colega fez amizade com uma funcionária dessa unidade. Certo dia a profissional que estávamos acompanhando disse à minha colega que tomasse cuidado com a nova amizade porque as pessoas suspeitavam que ela fosse lésbica” (S. 390).

A segregação e a exclusão presentes nos depoimentos acima desvelam preconceito e homofobia e, essas percepções podem ser ressignificadas a partir do (re) conhecimento das múltiplas possibilidades de expressão do afeto e da diversidade sexual, como nas falas a seguir.

“A primeira vez que vi meus vizinhos homossexuais se beijando impedi que meus filhos mantivessem qualquer aproximação com os mesmos. Mas depois de conviver mais de perto com eles e conversar bastante sobre a vida que eles levavam, aprendi a respeitar e hoje meus filhos são muito amigos deles” (S. 29).

"Já vi várias práticas homofóbicas. Até eu mesmo já participei da prática, quando vivia na ignorância, já que fui até um violentador da liberdade do meu próximo. Prefiro não comentar o acontecido" (S. 314).

Estas falas reiteram a urgência de se trazer à tona tais discussões no âmbito da formação inicial, em nível de graduação e, posteriormente, sob a forma de cursos permanente, especializações e fóruns de discussão.

Educação sexual

Termos pejorativos são constantemente utilizados na sociedade para ferir, hostilizar, diminuir as pessoas. Isso é ainda mais grave quando acontece na escola, e de forma constante, interferindo no aprendizado e na falta e/ou saída de estudantes que se sentem inferiorizados/as (BRASIL, 2006). A educação tem por função ir além da mera transmissão formal de conhecimentos, partindo-se do princípio de que “a escola é um espaço público para a promoção da cidadania”, ou seja, “a vivência escolar permite a apresentação da realidade social em sua diversidade” (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 9). Segundo as autoras, a discriminação, como prática social, marca o dia-a-dia das escolas, pois desqualifica, menospreza o outro, podendo gerar danos tanto pessoais quanto sociais. Pensando assim, a educação deve ser um elo que une as diversidades e supera os atos discriminatórios, sendo a escola, então, “um espaço de socialização para a diversidade” (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 10).

O uso cada vez mais frequente do termo homofobia torna necessário um trabalho de conscientização e de esclarecimento que seria ideal se iniciado nas instituições, como por exemplo, a escola. Desta forma, poderiam ser problematizadas questões como reprodução, preconceitos, discriminação e violências sexuais, dentre outros (JUNQUEIRA, 2009), por intermédio da Educação Sexual.

A escola tem importante participação na educação de jovens e, desta forma se faz necessário que a Educação sexual questione a heteronormatividade e a visão binária de gênero, desconstrua as concepções naturalistas da sexualidade que legitimam e reiteram as assimetrias e promova o multiculturalismo (LOURO, 1997).

Na grande maioria das respostas, os/as discentes, descrevem o termo Educação Sexual tal qual pode ser encontrado na literatura. Este fato chama atenção pois, a maior parte dos/as licenciandos/as refere não ter tido, na vida acadêmica, o preparo necessário para lidar com as questões de sexualidade, gênero e diversidade. A grande maioria, registra apenas palestras esporádicas, uma ou outra aula em que surge o tema, ou, em alguns casos, em disciplinas optativas. Quando questionados/as quanto à existência de Educação Sexual na escola que lecionam ou que estudaram, a maioria refere não ter tido quaisquer formas sistematizadas em sua trajetória escolar, ou quando as tiveram, isso ocorreu de forma descontínua sob a forma de palestras. No entanto, a escola ao silenciar sobre esses temas, educa, segrega, normatiza, escolariza os corpos e, frequentemente, (re)produz a norma heteronormativa (LOURO, 1997; FURLANI, 2009).

Formação inicial

Diante do exposto, fica clara a importância da formação inicial dos/as futuros/as docentes para a construção dos conhecimentos acerca da diversidade sexual, sexo e gênero. Quando questionados/as sobre a aquisição de analisadas as respostas dos/as estudantes, referentes à orientação sobre como lidar com questões relativas à sexualidade, 69% responderam não ter esse apoio durante a vida acadêmica. Os 20% que disseram ter tido essa orientação, citaram como exemplos minicursos ou participações em ligas acadêmicas, seminários e palestras, o que desvela a falta de continuidade de orientação sob a responsabilidade do curso de graduação. Pode-se perceber também que em 32% das respostas afirmativas, o/a licenciando/a respondente coloca como exemplo as orientações que receberam dos pais, ou da religião que professam, o que configura, mais uma vez, uma lacuna na orientação durante a formação acadêmica.

Os/as discentes foram indagados/as sobre seu interesse sobre temas relativos à sexualidade, gênero e/ou diversidade sexual e, se eles/as buscam por informações ou atualizações. 55% dos/as respondentes não buscam informações e, 38% costumam fazê-lo na internet, através de artigos científicos, em cursos e palestras e/ou com amigos em rodas de conversa. Quanto ao interesse em realizar trabalhos/projetos de educação sexual, 43% responderam ter interesse, assim como 35% responderam não saber se o realizariam.

CONCLUSÃO

A formação inicial é uma etapa importante na constituição do ser-docente e, como pode ser visto nessa pesquisa, apresenta lacunas quanto às temáticas tratadas, desveladas pelo parco conhecimento dos/as licenciandos/as. O não (re)conhecimento de práticas de preconceito e homofobia, embora sejam temas frequentes na mídia, aponta para a formação deficitária.

Tudo isso, reitera a necessidade de conscientização quanto à importância da inclusão dos assuntos aqui tratados por intermédio da reformulação dos fluxos curriculares das licenciaturas analisadas, a exemplo do que já vem ocorrendo na Biologia.

Na Universidade Federal de Sergipe, no currículo de Ciências Biológicas, as disciplinas Estudos Culturais da Biologia e da Educação e Corpo, Gênero e Sexualidade passaram a ser obrigatórias no currículo novo. A disciplina Sexualidade Humana consta na grade optativa e recebe estudantes de diversas áreas, incluindo Medicina, Enfermagem, Letras, Física e História, o que revela a necessidade de formação interdisciplinar e o interesse dos/as estudantes ao terem a oferta dessa disciplina.

Outro aspecto relevante refere-se à inclusão desses temas em projetos inter e transdisciplinares e por meio de programas como o Programa de Iniciação Científica/ PIBIC/CNPq e Programa de Iniciação à Docência/PIBID/ CAPES. Ao colocar os/as estudantes em contato direto com a realidade na qual irão atuar, além de promover sua sensibilização às questões emergentes in loco, podem aprimorar sua formação e agir como multiplicadores.

Assim, a formação inicial que privilegie o debate, a conscientização acerca dos temas desse estudo de modo crítico e engajado urge por acontecer.

REFERÊNCIAS

ANJOS, G. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. **Sociologias**, n. 4, p. 274-305, 2000.

BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **MEC monta grupo de trabalho para discutir a homofobia**. 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6344&catid=202> Acesso em: 28/01/2012.

BRITO, J. R. de. Sexo e religião – um diálogo em construção. **V Colóquio Internacional: Educação e Contemporaneidade**. 2011.

BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. **Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Ômega, 2001.

COSTA, Ronaldo Pamplona da. **Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana**. 4 ed. rev. e ampl. São Paulo: Kondo Editora, 2005.

FURLANI, J. Direitos Humanos, Direitos Sexuais e Pedagogia *Queer*: o que essas abordagens têm a dizer à Educação Sexual? In JUNQUEIRA, R. D. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia na escola**. 1ª. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

GIRALDI, R.. **Brasil tem 3,4 denúncias de homofobia por dia**. Diário de São Paulo – Coluna Dia a Dia. 17/05/2012. Disponível em: <<http://www.diariosp.com.br/noticia/detalhe/21903/Brasil+tem+3,4+denuncias+de+homofobia+por+dia>> Acesso em: 23/05/2012.

HOLANDA, A.F. Pesquisa fenomenológica e psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: BRUNS, M.A.T; HOLANDA, A.F. **Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2ª impressão, 2007.

JINKINGS, D. **A cada 36 horas, um homossexual é morto no Brasil**. Agência Brasil. 2011. Disponível em: <<http://agenciabrasil.abc.com.br/noticia/2011-04-04/cada-36-horas-um-homossexual-e-morto-no-brasil>> Acesso em: 23/05/2012.

JUNQUEIRA. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas**, n. 1, v. 1, 2007.

_____, R. D. Educação e homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. In: JUNQUEIRA, R. D. **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Coleção educação para todos, p. 367-444, 2009.

LIONÇO, T.; DINIZ, D. **Homofobia e educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: LetrasLivres: EdUNB, 2009.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação** – Uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, 16(2), 1990: 5-22.

TAQUETTE, S. R. Sexualidade na adolescência. In: BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de ações programáticas estratégicas. **Saúde do adolescente: competências e habilidades**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008. Capítulo 5, p. 205-212